

**AJES - FACULDADE DO VALE DO JURUENA
BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

ANGÉLICA RIBEIRO PEREIRA

CYBERBULLYING EM ADOLESCENTES EM FASE ESCOLAR:

Uma pesquisa bibliográfica

Juína - MT

2019

**AJES - FACULDADE DO VALE DO JURUENA
BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

ANGÉLICA RIBEIRO PEREIRA

CYBERBULLYING EM ADOLESCENTES EM FASE ESCOLAR:

Uma pesquisa bibliográfica

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Psicologia da AJES – Faculdade do Vale do Juruena, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia, sob orientação da Profa. Ma. Amanda Grazielle Aguiar Videira.

Juína - MT

2019

**AJES - FACULDADE DO VALE DO JURUENA
BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

PSICOLOGIA

Linha de pesquisa: Bibliográfica.

PEREIRA, Angélica Ribeiro. **CYBERBULLIYNG EM ADOLESCENTES EM FASE ESCOLAR:** uma pesquisa bibliográfica. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – AJES - Faculdade do Vale do Juruena, Juína-MT, 2019.

Data da defesa:03/06/2019

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Orientadora: Profa. Amanda Graziele Aguiar Videira.

AJES

Presidente da Banca examinadora: Profa. Dra. Marileide Antunes de Oliveira.

AJES.

Membro Titular: Prof. Me. Genivaldo Alves da Silva

AJES.

Membro Titular: Profa. Esp. Josimara Diolina Ferreira.

AJES.

Local: Associação Juinense de Ensino Superior

AJES: Instituto Superior de Educação do Vale do Juruena

AJES – Unidade Sede, Juína-MT

DECLARAÇÃO DE AUTOR

*Eu, Angélica Ribeiro Pereira, portadora da Cédula de Identidade – RG nº 2327121-3 SSP/MT, e inscrito no Cadastro de Pessoas Físicas do Ministério da Fazenda – CPF sob nº 038.034.631-14, DECLARO e AUTORIZO, para fins de pesquisa acadêmica, didática ou técnico-científica, que este Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado **Cyberbullying em Adolescentes em Fase Escolar: uma pesquisa bibliográfica pode ser parcialmente utilizada, desde que se faça referência à fonte e ao autor.***

Autorizo, ainda, a sua publicação pela AJES, ou por quem dela receber a delegação, desde que também seja feita referência à fonte e ao autor.

Juína, _____, _____ 2019.

Angélica Ribeiro Pereira

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a uma das mulheres mais incríveis que tive o prazer de conhecer em minha vida Roseli Vargas Witcel (in memoriam), uma mulher que soube aproveitar seu tempo e fazer as coisas de forma impecável. Muitas das coisas ela me ensinou, muitas coisas aprendi apenas observando ela fazer. E mesmo após sua morte, me ensinou que eu tenho o hoje pra fazer tudo que eu quero fazer, que o amanhã é incerto pra todos. Obrigada por tudo, obrigada por tanto.

AGRADECIMENTOS

Gostaria primeiramente de agradecer á Deus, por ter me dado calma e paciência das diversas vezes que pensei que não conseguiria dar conta de tantas coisas nesse semestre.

Á minha mãe, que mesmo tão longe, tenho certeza que em todas as suas orações minha vida, minha saúde, minha proteção esteve presente em suas preces. Por todas as vezes que precisou levantar de madrugada para garantir vaga nas escolas para mim, sem dúvida estou aqui concluindo essa etapa por sua causa. Minha gratidão eterna... Te amo!!

Aos meus irmãos, Adalto, Erica e Rafael que mesmo distante, eu sei o quanto são incríveis, o quanto são bons, o quanto vocês me amam e torcem por mim. Saibam que as essências de cada um contribuíram para eu procurar ser melhor em todos os aspectos da minha vida. Sinto a falta de vocês, todos os dias e amo vocês profundamente.

Para meu namorado Robson, que sem dúvida aguentou o pior de mim nesses 05 meses, toda irritação, todo nervosismo, toda privação que tivemos, para que eu pudesse concluir esse trabalho. Obrigada pela compreensão e paciência, Te amo!

Para minha linda orientadora, Amanda Grazielle por ter sido luz nessa etapa, por toda ajuda na construção dessa monografia, por toda tranquilidade passada, por ter me aceitado como orientada e principalmente por entender que por mais que procuramos sempre fazer o melhor, às vezes falhamos, pois somos humanos, mas nada muda o fato que amanhã pode ser melhor que hoje. Obrigada por respeitar e entender as dificuldades do acadêmico. Isso foi primordial para que fosse tudo mais leve.

Para todos meus amigos que contribuíram de varias formas, seja dando força, seja dando dicas, seja compartilhando materiais. Obrigada, vocês são incríveis. E para aos que não são meus amigos, mas que foram incríveis para que esse processo fosse concluído, em especial para Kethony, que teve sua monografia seguida como molde na minha, e não hesitou de mandar seus arquivos. Muito obrigada!

Para todos os meus professores que passaram pela minha vida acadêmica, obrigada por tanto!

Para minha banca, que aceitou prontamente meu convite, Professora Josimara e Professor Genivaldo e minha Coorientadora Marileide. Obrigada.

Por fim agradeço a mim, por não ter desistido, pois quem passa por uma monografia, sabe que não é apenas só isso dentro do semestre, têm todas as provas das disciplinas, trabalhos, estágio, relatório do estágio, emprego, vida pessoal e etc. Enfim, feliz em concluir...

EPÍGRAFE

“Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana.”

(Carl Jung)

RESUMO

Hoje em dia, é corrente no mundo todo notícias nos meios de comunicação que apresentam diferentes tipos de violência em diferentes meios, principalmente no âmbito escolar; e dentro dessa esfera, há a violência virtual na finalidade de excluir o outro, conhecido como *Cyberbullying*. Sendo assim, para estudar a temática proposta, o presente trabalho tem como objetivo desenvolver uma pesquisa bibliográfica que apresente como acontece o *Cyberbullying* na fase escolar nos dias atuais e quais são as suas consequências nos adolescentes. Para tanto, pretende-se pesquisar como esse fenômeno age na vida das vítimas, como os agressores utilizam as ferramentas tecnológicas para cometer esse tipo de violência e o que os motivam. Tornando-se assim de fundamental relevância, ante as consequências psicológicas e físicas que atormentam os envolvidos, refletir sobre um programa amplo de enfrentamento que, a priori, envolva, não somente a escola e os pais, porém a comunidade em um todo. Ademais, para nortear este trabalho pergunta-se como que, ante ao avanço tecnológico que evidencia-se no mundo atual, fomentado por seu inapropriado uso pelos adolescentes em redes sociais e sendo observado principalmente nas escolas, abrindo portas para o *Cyberbullying*, a sociedade em um todo irá promover meios para enfrentar esse fenômeno que só tende a crescer?

Palavras-chave: Adolescente, Rede social; *Cyberbullying*.

ABSTRACT

Nowadays, news in the world is current in the media that present different types of violence in different media, especially in the school environment; and within that sphere, there is virtual violence in the purpose of excluding the other, known as Cyberbullying. Therefore, to study the proposed theme, the present work aims to develop a bibliographical research that presents how Cyberbullying happens in the school phase in the present day and what are its consequences in adolescents. To do so, we intend to investigate how this phenomenon acts in the lives of victims, how aggressors use the technological tools to commit this type of violence and what motivates them. Thus becoming of fundamental importance, given the psychological and physical consequences that plague those involved, reflect on a broad program of confrontation that, a priori, involves not only the school and the parents, but the community as a whole. In addition, to guide this work, it is asked how, given the technological advance that is evident in today's world, fostered by its inappropriate use by adolescents in social networks and being observed mainly in schools, opening doors to Cyberbullying, society in a whole will promote means to face this phenomenon that only tends to grow?

Keywords: Teenagers; Social network; Cyberbullying.

LISTA DE SIGLAS

OMS	Organização Mundial da Saúde
PENSE	Pesquisa Nacional da Saúde Escola
CGI.br	Gestor da Internet no Brasil
TEPT	Transtorno de estresse pós-traumático
TIC	Tecnologia de Informação e Comunicação
SNA	Síndrome Normal da Adolescência

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 JUSTIFICATIVA	14
2 OBJETIVOS	15
2.1 OBJETIVO GERAL.....	15
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	15
3 MÉTODOS.....	16
3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	16
3.2 CRITÉRIOS DE BUSCA.....	16
3.2.1 NOS SEGUINTE BUSCADORES:.....	16
3.2.2 OS CRITÉRIOS DE INCLUSÃO:.....	17
3.2.3 OS CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO:.....	17
3.3 TÉCNICA DE COLETA DE DADOS:	17
4 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA	18
4.1 ADOLESCÊNCIA	18
4.2 USO DAS TECNOLOGIAS PELOS ADOLESCENTES	20
4.3 CYBERBULLYING	21
4.4 ESCOLA.....	28
5 DISCUSSÕES	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS	37

INTRODUÇÃO

A violência nas escolas, marcada por práticas de agressões físicas, humilhações e incivildade, tornou-se um problema diário à integridade psíquica e física dos adolescentes (CHAVES, 2006). E devido à crescente evolução da tecnologia e dos meios de comunicação, são formadas novas formas de gerenciar a informação. A velocidade e facilidade que as informações alcançam a *Web*, e a grande população que usa estas ferramentas crescem cada vez mais, haja vista a popularidade da internet, a forma atrativa que a mesma se atualiza, contribui para sua expansão de uso (GUIMARÃES, 2005).

Por ter um papel muito amplo, a internet se estrutura na ramificação de informações, conseqüentemente na formação de opiniões de usuários. Posto isto, devido à expansão do uso dessa tecnologia, foram criadas novas plataformas para que haja uma interação social entre usuários dentro da rede mundial de computadores. Essas plataformas são chamadas de redes sociais (COUTINHO, 2014).

Milhões de usuários se relacionam e criam conteúdos dos mais variados assuntos. E não se deve ignorar que cada vez mais as escolas estão sendo inseridas nesse meio, onde os estudantes têm cada vez mais acesso à internet. A velocidade avançada que um fato ocorre dentro da escola e rapidamente passa a ser conhecimento de todos, se refere justamente às ferramentas da internet, com suas diversas plataformas de comunicação. Enviando e recebendo mensagens instantâneas os alunos compartilham entre si um fato ocorrido de forma natural ou que seja provocado por terceiros, que possa expor e ridicularizar algum aluno, muitas vezes não tendo consciência da dimensão que seus atos possam tomar, e das conseqüências prejudiciais para a vítima (GOMES, 2016).

Isto é, devido a esse avanço da tecnologia, cresce os tipos de violência praticados através da internet, a saber, o *Cyberbullying*, que é praticado principalmente em adolescentes em fase escolar, no qual é um dos mais discutidos atualmente. Este tipo de violência ultrapassa os muros da escola, fazendo com que o jovem, vítima dessa violência, permaneça sendo agredido em diferentes meios. Esse fenômeno nasce como uma variante do tradicional *Bullying*, cujo sentido se define pela violência caracterizada pela atuação intencional do agressor, sendo contínua e de caráter físico, psicológico ou verbal, sobre um ou mais indivíduos.

Já o *Cyberbullying* é praticado através da comunicação tecnológica, como: envio de mensagens instantâneas, e-mails e publicações em sites pessoais ou postagens em redes sociais, com o objetivo de caluniar ou apoiar de forma deliberada esses comportamentos, sejam para atingir um único indivíduo ou um grupo. Também é importante ressaltar que é possível que o agressor não tenha consciência do seu ato sobre as vítimas, o que faz sentido quando lê-se a tradução da expressão do *Cyberbullying* como “um fenômeno sem rosto” (BELSEY, 2004).

As consequências dessas ações podem ser dolorosas para a vítima e, uma vez espalhada, a agressão percorre rapidamente a rede, podendo circular infinitamente no Ciberespaço. O fato é, que um e-mail pode ser encaminhado por vários indivíduos, e os que receberem podem enviar para mais pessoas, criando uma corrente sem fim. Uma imagem pode ser compartilhada em várias plataformas, editadas por quem quiser editar, e serem reenviadas, piorando cada vez mais a situação da vítima. O longo tempo que essa depreciação pode ficar circulando facilita a sua localização, visto que com uma simples pesquisa na internet, a vítima pode localizar com facilidade e ficar revivendo essa situação, muitas vezes a ponto de achar que o mundo inteiro pensa da mesma forma que o agressor (BRASIL, 2010).

Toda essa humilhação trás um desgaste psíquico muito grande à vítima, a ponto dela se retrair e não conseguir fazer suas atividades cotidianas normalmente. O fato é que o *Cyberbullying* coloca uma grande barreira a ser vencida, pois suas consequências são gravíssimas e podem levar a vítima a ter algumas doenças e transtornos, tais como: depressão, transtornos de pânico, transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), crises de ansiedade e, no pior dos casos, o suicídio. Para tanto, quando a vítima desencadeia essas reações advindas do *Cyberbullying*, precisa rapidamente ter um acompanhamento especializado (BRASIL, 2010).

Frente a este cenário, procura-se na presente pesquisa efetivar um levantamento bibliográfico com caráter epistemológico em dissertações, teses, artigos e periódicos, evidenciando as características, o conceito do *Cyberbullying*, suas semelhanças e diferenças com o *Bullying* e as possíveis implicações psicológicas que podem atingir não só as vítimas, mas também todos os que são protagonistas deste fenômeno.

Sem ambição de esgotar a temática expectasse que a pesquisa possa contribuir com profissionais da saúde e da educação, assim como para todos os leitores no conhecimento desse fenômeno virtual, além de estimular a criação de meios para discussões sobre a problemática e possíveis prevenções que venham a colaborar na socialização dos

adolescentes, amenizando portanto suas implicações, como transtornos comportamentais e/ou psíquicos.

Para uma compreensão melhor do tema, na primeira parte desta investigação, são apresentadas a justificativa, o objetivo geral e os objetivos específicos, assim como a metodologia utilizada. Como parte dos processos de coleta de dados, são descritos quais foram os critérios de exclusão e inclusão estabelecidos. Na segunda parte, há a fundamentação teórica, expondo os conceitos de: adolescência, escola, uso das tecnologias pelos adolescentes e *Cyberbullying*. E por fim, na terceira parte, a discussão, considerações finais e referências.

1 JUSTIFICATIVA

No século da informação em que as mudanças tecnológicas, sociais e culturais crescem de modo acelerado, há repercussões em todos os aspectos da sociedade, e a forma que o ser humano lida com esse processo de mudanças determina quais são os benefícios e malefícios à sua saúde física e psicológica. Nesse contexto, no que tange aos malefícios, uma violência que vem ganhando destaque é o *Cyberbullying* em adolescentes na fase escolar.

Cyberbullying é o tipo de violência virtual que mais cresce no mundo; adolescentes do mundo todo usam a internet e suas plataformas sociais para agredir outros adolescentes de forma deliberada. A falta de maturidade ou decorrência de caráter contribui para esse aumento de violência nas redes, logo, as tecnologias e suas mais variadas plataformas são formadoras de opiniões, sendo crescente o seu uso incontrolado.

O mundo contemporâneo assistiu extasiado a chegada da internet. A vida digital se impôs no cotidiano das pessoas e, como era de se esperar, na vida dos adolescentes, que estão conectados 24 horas por dia, adictos das infinitas possibilidades que essa mídia proporciona. Houve uma ressignificação das relações, redimensionamento do tempo e do espaço. A sociedade está irremediavelmente imersa nessa tecnologia, para o bem e para o mal.

O *Cyberbullying*, variante eletrônica do *Bullying*, nasce do encontro entre a tecnologia digital e o já elevado número de casos de *Bullying*. O palco de batalha migra das escolas para grupos e redes sociais. Munido de palavras ofensivas e intimidadoras, o agressor tortura a vítima, que não tem trégua.

O *Bullying* existe desde que o mundo é mundo; não tem fronteiras geográficas, culturais ou sociais. Porém, o que chama a atenção é o elevado número de casos de *Cyberbullying*, com decorrências cada vez mais sérias. São os familiarizados desde cedo com todas as tecnologias, os nativos digitais, que inauguram esta nova prática que aumenta com a mesma agilidade que a mídia digital.

O silêncio das vítimas é constante no *Cyberbullying*, adjunto ao anonimato do agressor, o que lhe atribui coragem e ousadia. As injúrias se multiplicam e se desenvolvem através de grupos e redes sociais. E ante a isso, torna-se importante abordar a presente temática através de um levantamento na bibliografia, para elucidar os conceitos e características do *Cyberbullying*, as semelhanças e diferenças com o *Bullying*, e as reais consequências psíquicas que afetam as vítimas na adolescência em fase escolar.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Estudo sobre o *Cyberbullying* em adolescentes em fase escolar.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar as consequências do *Cyberbullying* para os adolescentes;
- Identificar o perfil da vítima;
- Propor possibilidades de prevenção ao *Cyberbullying* nas escolas.

3 MÉTODOS

3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

Para esta pesquisa ser realizada foi usado o método de pesquisa bibliográfica, haja vista possui uma estimada contribuição para as pesquisas acadêmicas. Autores defendem que esse método facilita reconhecer especialmente os pontos que necessitam de maiores produções teóricas e investigações nas áreas pesquisadas. Ademais, a proposta deste estudo iniciou-se a partir de leituras e análises críticas de produções já publicadas existentes nessa área, com intuito de que novos desdobramentos sejam realizados (GIL, 2008; TAVARES, 2013; KOLLER; COUTO; HOHENDORFF, 2014).

Nesta pesquisa a análise foi realizada através de leituras críticas de trabalhos já publicados, com a finalidade de identificar as consequências do *Cyberbullying* para os adolescentes em fase escolar, assim como identificar qual o perfil da vítima e propor ações de prevenção.

A pesquisa bibliográfica foi fundamentada nas seguintes fontes: artigos, periódicos, revistas e documentos monográficos. Para tanto, foi possível construir possíveis conteúdos que cooperaram para a problemática explorada, buscando, a partir disto, dispor de novos parâmetros sobre o tema *Cyberbullying em Adolescentes em Fase Escolar*, adotando os princípios de como deve ser elaborada uma pesquisa bibliográfica (HOHENDORFF, 2014; LIMA; MIOTO, 2007).

3.2 CRITÉRIOS DE BUSCA

Para a pesquisa foram utilizadas as seguintes bases de dados:

- a) SciELO;
- b) LILACS;
- c) PePSIC.

3.2.1 NOS SEGUINTE BUSCADORES:

- a) Biblioteca Virtual de Saúde – BVS;
- b) Google Scholar.

3.2.2 OS CRITÉRIOS DE INCLUSÃO:

- a) Artigos disponíveis na íntegra;
- b) Artigos publicados em português (nacionais) e inglês (internacionais);
- c) Artigos publicados de 2010 a 2019.

3.2.3 OS CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO:

- a) Artigos duplicados;
- b) Artigos de acesso restrito.

3.3 TÉCNICA DE COLETA DE DADOS:

As buscas foram realizadas nas bases de dados citadas no subtópico anterior. Foram utilizados os seguintes descritores: escolas, *Bullying*, violência, vítimas, e as palavras-chave: Adolescente, Rede social e *Cyberbullying*.

Para as pesquisas realizadas foi utilizado o booleano “and” (operador lógico que determina relações entre terminologias em uma pesquisa) com intuito de filtrar as buscas. Após serem localizados e selecionados os trabalhos que atenderam aos critérios propostos de inclusão e exclusão, foram realizadas leituras nesses mesmos trabalhos, para que, dessa forma, fossem selecionados os que melhor atendessem aos critérios (GIL, 2009).

4 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

4.1 ADOLESCÊNCIA

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), adolescência é o período que se estende entre 10 e 19 anos, sendo considerada uma fase de transição da infância para o começo da vida adulta, definida pelos estímulos do desenvolvimento mental, físico, social, emocional, sexual e, também, pelo esforço depositado em alcançar os objetivos que se relacionam com as expectativas da cultura onde se está inserido. À vista disso, para que desenvolvam-se estas aptidões, é necessário que o adolescente viva em ambientes que tragam segurança, que sejam confortáveis, que possam oferecer proteção e apoio (PIGOZI, 2015).

A adolescência foi institucionalizada por Erick Erikson (nascido em Frankfurt, no ano de 1902), o qual apresentou-a a partir do conceito de *compasso de espera* (moratória). Ou seja, esta moratória é um *compasso de espera* dos adolescentes nas responsabilidades e compromissos da vida adulta. Foi caracterizado como uma fase importante no processo de desenvolvimento do indivíduo, cuja desordem de papéis e as dificuldades de estabelecer sua própria identidade são marcados como “[...] um modo de vida entre a infância e a vida adulta” (ERICKSON, 1976).

As moratórias são qualificadas pelas necessidades pessoais dos jovens, entretanto também por exigências institucionais e socioculturais. “Cada sociedade e cada cultura institucionalizam uma certa moratória para a maioria dos seus jovens” (ERICKSON, 1976, p. 157).

As instituições sociais amparam o vigor e a distinção da identidade funcional nascente, oferecendo aos que ainda estão aprendendo e experimentando um certo status da aprendizagem, uma moratória caracterizada por obrigações definitivas e competições sancionadas, assim como por uma tolerância especial. (ERICKSON, 1976, p. 157).

Compreendida por ser uma fase da vida do indivíduo, a adolescência é definida como uma fase marcada por aflições e conturbações que se vinculam com a necessidade da sexualidade, principalmente. Na sua obra, Knobel (1989), estabeleceu o entendimento da Síndrome Normal da Adolescência (SNA), que se caracteriza por uma sintomatologia que abrange:

1) busca de si mesmo e da identidade; 2) tendência grupal; 3) necessidade de intelectualizar e fantasiar; 4) crises religiosas, que podem ir desde o ateísmo mais intransigente até o misticismo mais fervoroso; 5) deslocalização temporal, em que o pensamento adquire as características de pensamento primário; 6) evolução sexual manifesta, desde o autoerotismo até a heterossexualidade genital adulta; 7) atitude social reivindicatória com tendências anti ou associas de diversa intensidade; 8) contradições sucessivas em todas as manifestações da conduta, dominada pela ação, que constitui a forma de expressão conceitual mais típica deste período da vida; 9) uma separação progressiva dos pais; e 10) constantes flutuações de humor e do estado de ânimo. (KNOBEL, 1989, p. 29).

As opiniões correntes, até então, configuram a adolescência como um estágio natural do desenvolvimento, contendo um caráter abstrato e universal. Característico do desenvolvimento, essa fase da vida humana foi naturalizada e apontada como uma etapa semi-patológica, difícil e que se mostra com muitos conflitos considerados “naturais”. Além disso, conforme pondera Bock (2007), observa-se também que a cultura surge como modelo de uma adolescência natural, que por outro lado sofre com as consequências da pressão da sociedade moderna, onde se determina a moratória institucionalizada por Erick Erickson.

Além disso, um dos fatores mais importantes que os adolescentes estão em busca é a construção da identidade. À luz de Erikson (1972, p. 45), é imprescindível “[...] definir quem a pessoa é, quais são seus valores e quais as direções que deseja seguir pela vida”. A formação da identidade é composta por uma relação intrapessoal, que são íntimas da pessoa, assim como suas capacidades, que a título de exemplo se formam pelas relações interpessoais e, por fim, fatores culturais, que diz respeito aos valores adquiridos no seu meio social, na comunidade onde convive.

No período da adolescência, o indivíduo entra em um processo de reconhecimento de outras pessoas, momento que o mesmo sente a necessidade de inserir-se em grupos e, para tal, tende a seguir regras de seus membros para ser aceito. Trata-se de uma fase em que os pais perdem seu papel de “super-heróis” construído na infância pelas crianças e se transformam em personagens que não entendem a complexidade que é a adolescência, ocasionando assim em uma má interpretação, privando seus filhos da liberdade tão desejada ou com críticas demasiadas, referentes à sua aparência, seu estilo, etc. (FERREIRA, 2003).

Muitos são os obstáculos para o adolescente: a falta de políticas públicas, a inabilidade e inadequação das funções escolares e o sentimento de posse que os pais possuem em nossa sociedade atual, a má utilização da internet, estão entre os principais desafios a serem superados. As diferenças vividas, as impossibilidades do jovem ser autônomo em questões financeiras (pois a maior parte não possui emprego), ou os que possuem a responsabilidade de

sustentar suas famílias, enfim, essas questões são tomadas como fatores importantes para que se possa compreender como é apresentada a adolescência na sociedade (BOCK, 2007).

4.2 USO DAS TECNOLOGIAS PELOS ADOLESCENTES

Na última década houve uma grande revolução digital e das mídias; o acesso à internet passou a ser democratizado, ajustando o rápido consumo de informação por todo o mundo. O universo informatizado possui uma forma de linguagem própria, com variadas expressões peculiares, como por exemplo a sigla TIC, sendo abreviação de “Tecnologia de Informação e Comunicação” utilizada para nomear um conjunto de recursos tecnológicos que, se estiverem interligados entre si, podem fornecer a comunicação de diferentes áreas e lugares em tempo real.

Diante da constante necessidade de inovar e agilizar as variadas formas de comunicação, o avanço tecnológico trouxe benefícios, entretanto, tornou-se uma ferramenta usada de forma incorreta, inadequada e, conseqüentemente, surgiram também malefícios. Pois, o uso demasiado das TIC e suas conseqüências são um dos problemas principais da sociedade contemporânea. Para ter-se uma ideia, foi realizada uma pesquisa feita com 2.044 mães e pais, com filhos de 0 a 12 anos, revelando a influência das TIC no dia-a-dia dos adolescentes brasileiros. Os dados dessa pesquisa revelaram que 38% dos adolescentes já possui um dispositivo eletrônico, como *tablet*, celular, videogame ou computador (SILVA, 2017).

Isto é, os adolescentes do século XXI nasceram em uma época em que a tecnologia é a base da manutenção das relações sociais, por conseqüência, é algo que tornou-se até certo ponto indispensável para a vida em sociedade, visto que nos dias atuais tudo gira em torno das tecnologias, de modo que esse grupo-etário antes mesmo de serem alfabetizados conhecem e aprendem a utilizar muitos dos vários recursos disponíveis pelos aparelhos eletrônicos sem um objetivo específico. O uso das tecnologias de forma indiscriminada pode provocar o desequilíbrio psicológico e físico, com potencial de ocasionar o retraimento social. Nesse sentido, essas ferramentas devem ser usadas corretamente, ao contrário causa a despersonalização, embotamento afetivo, ansiedade e depressão, podendo impedir o amadurecimento e desenvolvimento afetivo, cognitivo, físico e social (MACHADO, 2011).

Os adolescentes na sociedade contemporânea crescem nesse mundo digital sustentado pelo destaque das TIC. Segundo Cortella e Dimenstein (2015), não se deve deixar que a criação entretém o criador, pois o uso em excesso da tecnologia pode provocar diferentes desfechos negativos na saúde física e psicológica, além do *Cyberbullying* espalhado rapidamente na rede, trazendo impactos muitas vezes irremediáveis para as vítimas ou envolvidos. “Vivemos numa era em que todos são ao mesmo tempo consumidores e produtores de informação” (CORTELLA; DIMENSTEIN, 2015, p. 20).

4.3 CYBERBULLYING

Com o surgimento/advento da modernidade e diversos meios tecnológicos de comunicação e informação, surge uma nova forma de praticar o *Bullying*: o *Bullying* digital ou *Cyberbullying*. O “[...] cyberbullying envolve o uso de tecnologias da informação e da comunicação com a finalidade de legitimar comportamentos hostis, deliberados e repetidos, produzidos individualmente ou em grupos para causar danos a outros” (BELSEY apud LOPES NETO, 2008, p. 6).

Foi realizado um mapeamento pelo Comitê Gestor de internet no Brasil (CGI.br) no ano de 2012, com pais e filhos por todo Brasil, onde se buscou saber como os adolescentes estão fazendo o uso da internet. Esta pesquisa foi realizada com 2.000 jovens, onde indicou que 70% deles, com idade entre 09 a 16 anos, possuem perfis em redes sociais, e 68% usam a internet para explorar nessas mesmas redes. Nos indivíduos entre 09 e 10 anos, esse valor alcançou 44% do total. Já os percentuais de pré-adolescentes entre 11 e 12 anos sobem para 71%. E a saber, no ano de 2014, o CGI.br divulgou novamente o resultado da pesquisa; foram entrevistados igualmente o número anterior de 2.000 jovens, porém entre 09 e 17 anos, onde 81% responderam que acessam a internet diariamente. Apontando também o aumento do uso de aparelhos celulares em 82%, com 79% de usuários que possuem redes sociais. Isto é, de 2012 para 2014, houve um acréscimo considerável.

Pesquisas realizadas no Canadá por Belsey (2014), dizem que 10% a 35% dos jovens revelaram já ter sofrido *Cyberbullying*; e de 10% a 20% deles assumiram ter cometido essa violência virtual. Esses dados ainda apontam que o *Cyberbullying* é tão grave quanto o *Bullying*. A tensão crescente das vítimas, o abuso de drogas, depressão, mutilações e risco de suicídio são fatores de risco que os *Cyberbullies* podem causar nas vítimas. Essas pesquisas revelam como o problema de violência nas escolas vem se tornando um desafio social,

contudo vale destacar que esse fenômeno não acontece somente e exclusivamente nas escolas, e sim é um problema que está atingindo múltiplos espaços da atual sociedade (BRASIL, 2010).

Complementando, a *Plan international*, uma organização humanitária, opera com o desenvolvimento comunitário focado no adolescente. Essa ONG realizou uma pesquisa no ano de 2010, com 5.168 estudantes de 10 a 14 anos nas cinco regiões do País. O relatório se tornou pioneiro no país com o tema *Cyberbullying* e trouxe resultados alarmantes. A organização trouxe dados sobre esse fenômeno relatando que o mesmo já é a prática mais frequente no Brasil, ultrapassando as práticas do *Bullying*, onde se assevera que 10% dos alunos já praticaram ou sofreram esse tipo de violência; mas no que se refere ao *Cyberbullying*, essa violência alcança 16,8% de vítimas.

Os números de adolescentes que sofreram o *Cyberbullying* variam muito em suas estimativas, variando de 10% a 40% ou mais, dependendo do grupo pesquisado e de como o *Cyberbullying* é definido formalmente nesse grupo (HINDUJA; PATCHIN, 2014). Aproximadamente 25% dos mais de 10.000 adolescentes com idades entre 11 e 18 anos, selecionados aleatoriamente, pesquisados nos últimos 07 anos, relataram que foram vítimas de *Cyberbullying*; e cerca de 17% relataram terem praticado essa violência on-line a outras pessoas durante a vida.

Em 2018 o comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), divulgou pesquisas que relatam que a cada 4 adolescentes, 1 já recebeu algum tipo de ofensa pela internet. Esses números correspondem a mais de 5 milhões de pessoas com idades entre 09 e 17 anos. Ou seja, esse tipo de violência vitimiza, principalmente, os mais jovens.

De acordo com a pesquisa Global, realizada pelo Instituto Ipsos em 28 países, como Estados Unidos, Canadá, Brasil, entre outros, foi feito nos meses de março a abril de 2018 com 20,8 mil pessoas. Os 29% dos gestores ou responsáveis dos entrevistados brasileiros relataram que seus filhos já foram vítimas do *Cyberbullying*. Na pesquisa anterior, divulgada no ano de 2016, os resultados dos índices eram de 19%. Isto é, o Brasil só perde para a Índia, obtendo o percentual de 37%. Já em relação à média global, está em torno de 17%. A pesquisa expõe ainda, que mais da metade dos pais brasileiros entrevistados afirmaram que as agressões virtuais partiram de colegas de classe dos filhos, e em sua maior parte advinda através das redes sociais.

O *Cyberbullying* acontece no “*Cyberspace*” que, segundo Faustino e Oliveira (2008), em 1982, o pesquisador William Gibson criou o termo por meio da junção das palavras “*cybernetic*” (cibernético) e “*space*” (espaço), ou seja, originou-se o Ciberespaço, no qual é “[...] um espaço mágico, uma rede de inteligências coletivas, [...] o conjunto de redes de telecomunicações criadas com o processo digital das informações” (LEMOS, 1996 apud FAUSTINO; OLIVEIRA, 2008, p. 184).

Segundo Fante e Pedra (2008), o *Cyberbullying* é uma maneira virtual do *Bullying* que vem trazendo grandes preocupações para os pais, educadores e especialistas, pois possui grandes implicações multiplicadoras no sofrimento de suas vítimas. Suas características, segundo Lopes Neto (2008), são: ausência da vítima fisicamente, posto que os ataques geralmente são reproduzidos, o que torna seus efeitos duráveis; menores chances da vítima escapar, pois esses ataques acontecem a qualquer momento e lugar; por fim, é uma violência que se dissemina publicamente de forma rápida, adentrando lugares de privacidade e de suposta segurança, indo além dos muros da escola, como o lar dos alvos.

Esse fenômeno implica em violentar psicologicamente de forma intencional, onde se compreende comportamentos negativos como mentir, ameaçar, insultar, difamar, intimidar, disseminar rumores, provocar, excluir, entre outros. Ao provocarem as vítimas, os agressores utilizam métodos penetrantes para intimidar, com intenção de controle (CAMPOS, 2009).

Tais condutas, confirmados por Fante e Pedra (2008) e Maidel (2009), abrange o uso de ferramentas modernas da internet e outras tecnologias de comunicação e informação, fixas ou móveis, como torpedos, e-mails, *Youtube*, *blogs*, *Skype*, *Twitter*, *MySpace*, *Photoshop*, *Facebook*, *WhatsApp*, dentre muitos outros, com intenção de humilhar, maltratar e constranger, ou “[...] como meio de apoio deliberado para a propagação de comportamento hostil com o objetivo repetido de injuriar, caluniar e prejudicar alguém” (BELSEY, 2009 apud MAIDEL, 2009, p. 115).

Diferente do *Bullying*, no *Cyberbullying* normalmente o aluno vitimado não conhece quem é o agressor, pois este age de forma anônima, adotando apelidos ou fazendo-se passar por outra pessoa, insultando-a, propagando boatos cruéis sobre colegas, familiares e até profissionais da escola. É necessário destacar que qualquer um pode tornar-se vítima de diversas ofensas, que podem multiplicar-se e intensificar-se de forma instantânea e veloz quando perpassadas via internet (SILVA, 2009). Elencamos, ainda, os indícios de quando os adolescentes são vítimas de *Cyberbullying*, sendo as principais manifestações: inquietação ao

ler uma mensagem de texto no celular e agonia ao usar o computador ou evitar utilizá-lo, diferente do que é habitual (MALDONADO, 2011).

Segundo Antunes (2015), o *Cyberbullying* se caracteriza por repetidas ações verbais e/ou físicas com intenção dirigida de atingir sua vítima. Os *Cyberbullies*, como são cognominados os agressores, operam criando blogs ou perfis falsos nas redes sociais com a intenção de difamar a imagem da vítima, bem como se passar por ela nas redes para prejudicá-la. Essas situações acontecem com a postagem de fotos e vídeos sem o consentimento da vítima, que, quando toma consciência do acontecido, tem a sua imagem e seu nome percorrendo a rede mundial de computadores, sendo pouco provável que saia ileso dessa situação. E em muitos casos são enviadas mensagens desagradáveis, ofensivas, ameaçadoras, com intenção de causar medo ou intimidação (MALDONADO, 2009).

Conforme Faustino e Oliveira (2008), esse fenômeno é considerado mais agressivo do que o *Bullying*, já que não existe contato entre os agressores e suas vítimas, dessa forma, encoraja os ataques dos agressores a serem ainda mais cruéis. “A possibilidade de manter sua identidade anônima, escondida dos outros membros da comunidade também incita à criação de textos com conteúdo mais ofensivo” (FAUSTINO; OLIVEIRA, 2008, p. 191).

No entendimento de Fante e Pedra (2008), para as vítimas essa prática pode ser muito perigosa, pois causa danos emocionais e morais, já que existe o risco de suas imagens espalhadas via internet em rede mundial atrair “[...] pessoas inescrupulosas e mal intencionadas do mundo real, que queiram se utilizar delas para fins escusos, como pedofilia e a pornografia” (FANTE; PEDRA, 2008, p. 68).

Não existe um perfil específico e definido para ser uma vítima de *Cyberbullying*: qualquer um pode ter seu e-mail *hackeado* ou invadido; pode receber conteúdo variados e indesejados ou encontrar fotos com montagens no mundo virtual. Esse fenômeno não é caracterizado por uma relação desigual de tamanho, poder, diferença de idade, desenvolvimento físico e emocional; e mesmo com apoio dos demais alunos não são características decisivas para sua prática, como no *Bullying* (YBARRA; MITCHELL, 2004 apud MAIDEL, 2009).

Apesar de o *Cyberbullying* ser visto como uma variante moderna do *Bullying*, existe diferenças que são relevantes entre os dois. Segundo Garcez (2014), no *Cyberbullying* a fonte de conhecimento tecnológico é um poder maior do que a força física, já que a quantidade de testemunhas é maior, em razão de que a audiência, não se restringe em um único local. Nos

ambientes virtuais fica mais difícil diferenciar os papéis; as vítimas também podem sentir-se seguras também levando a retaliarem, onde aumentam-se as probabilidades de tornarem-se agressoras. É fato que o *Cyberbullying* não acontece em um ambiente físico, as agressões alcançam seu alvo em espaços diferentes, o que torna duradouras essas agressões, por muitas vezes sem opção de refúgio.

Na sua maioria, os praticantes de *Cyberbullying* são adolescentes, porém não é possível traçar um perfil exato deles, sendo que os ataques são virtuais. Dessa forma, a identidade e imagem do agressor não são geralmente conhecidas pelas vítimas.

Um caso que teve repercussão no mundo todo foi o de Júlia Rebeca. De acordo com a página de notícias G1, Cordeiro (2013) afirma que a morte da adolescente supracitada em Parnaíba, abalou toda a cidade. Foi nas redes sociais que a adolescente divulgou em sua conta pessoal o dia da própria morte. Tudo adveio posteriormente a um vídeo íntimo ter sido divulgado através do *WhatsApp*. Júlia Rebeca foi localizada morta dentro do seu quarto, com o pescoço enrolado no fio da sua chapinha em 2013. A data teve postagem em uma mensagem por meio do *Twitter* e do *Instagram* da jovem, que dizia: “Eu te amo, desculpa eu n ser a filha perfeita mas eu tentei... desculpa eu te amo muito mãezinha [...] [sic]”.

Para Fante e Pedra (2008, p. 69), há a existência de várias causas que contribuem para a prática do *Cyberbullying*, dentre elas “[...] a ausência de orientação ética e legal na utilização de recursos tecnológicos, a ausência de limites, a insensibilidade, a insensatez, os comportamentos inconsequentes, a dificuldade de empatia, a certeza da impunidade e do anonimato”. Os autores completam ainda que esse fenômeno é uma atitude expansiva, já que as vítimas, do mundo virtual e real, inclinam-se a se transformarem em praticantes, como forma de revidarem os maus-tratos recebidos, continuando no anonimato.

Segundo Lopes e Neto (2008), foram realizadas poucas pesquisas referentes as reais consequências do *Cyberbullying*, contudo, acreditam-se que os danos superam as consequências do *Bullying*. Comumente, as vítimas sentem raiva, vergonha e medo; sentem-se também constrangidas e humilhadas; frequentemente a autoestima é abalada e apresentam dúvidas sobre si mesmas. Esses fatores afetando a formação de identidade das vítimas; encontram-se em um clima de instabilidade desconfiança e emocional total no convívio escolar, tornando todos ao seu redor suspeitos. Muitas vezes as vítimas faltam as aulas com frequência ou se isolam com intenção de acabar com os ataques, o que acarreta quedas no rendimento escolar. Sabe-se também que algumas vítimas mudam de escola por não

resistirem ao constrangimento, levando com elas toda frustração e dor emocional de ter sua reputação “manchada” (FANTE; PEDRA, 2008).

No *Cyberbullying*, nem sempre as faltas contínuas ou mudanças de escolas fazem com que parem ou apaguem as lembranças dos ataques sofridos. A citação a seguir mostra como isso ocorre:

Diferente das agressões pessoais que são localizadas e com tempo podem ter sua lembrança apagada ou diminuída, o cyberbullying além de envolver a ampla disseminação de calúnias, injúrias ou informações degradantes à exposição pública através das tecnologias digitais, também implicam em uma gigantesca dificuldade, quiçá impossibilidade, de tirá-las novamente de circulação, o que acaba conferindo um certo aspecto perene a referidas agressões. Ou seja, qualquer criança ou adolescente vítima desses cruéis ataques ainda que mude de escola, bairro ou cidade, pode continuar alvo desse tipo de violência por um longo tempo, isso sem falar das agressões e difamações que já ficaram registradas e permanecem disponíveis a todo um universo online, podendo vir a desencadear ou motivar embaraços e humilhações (talvez até novos ataques) na rede social recém ingressada e, mesmo, angústia e constrangimento ao longo de sua vida. (MAIDEL, 2009, p. 117).

Silva (2010), relata que não existe possibilidade de sair ileso dos ataques de *Cyberbullying*. São incalculáveis as consequências psicológicas para as vítimas, e muitas vezes chegam a atingir familiares e amigos próximos. Esse fato vem ganhando força em vários países, onde se constitui um sério problema que a sociedade atual precisa enfrentar. Campos (2009), informa que no Reino Unido, o número aproximado de adolescentes vítimas do *Cyberbullying* que cometem suicídio todos os anos chega a 16. Para esse autor, o “[...] cyberbullying traz consequências trágicas para a saúde mental dos indivíduos, danificando os seus relacionamentos e reputação social e diminuindo, portanto, a sua qualidade de vida e saúde” (CAMPOS, 2009, p. 2).

Na visão de Lopes Neto (2008), muitas vítimas se calam por várias razões, entre elas o sentimento de humilhação, vergonha e, muitas vezes, pelo medo de seus pais proibirem o uso dos recursos tecnológicos, sendo impedidas de usarem celulares e computadores. Mesmo que ainda corram o risco de sofrerem a violência virtual, a necessidade de pertencerem a algum grupo e de ter amigos, por vezes, se torna muito maior.

Os perfis das vítimas mais comuns são: adolescentes tímidos, que possuem dificuldade de comunicação; inseguros, os que possuem algum tipo de deficiência, ou os que se sobressaem por serem ótimos alunos, ocasionando os ataques de inveja. Os comportamentos das vítimas geralmente mudam quando estão sofrendo algum tipo de ataque por meio do *Cyberbullying*, tais eles como: tornam-se tristes e deprimidas; se afastam de outras pessoas;

expressam raiva com facilidade; têm dificuldades de dormir e comer; sentem dores de cabeça ou barriga; perdem o interesse ou evitam eventos sociais; apresentam relutância em ir para a escola, além de em alguns casos pararem de mexer no celular e/ou computador (D'URSO, 2013).

Os tipos mais comuns de agressores são pessoas que já foram vítimas de algum ataque, indivíduos inseguros, empáticos e com dificuldades de se relacionarem; indivíduos com voz ativa para liderar, que a usam de forma negativa; e em maior parte por manipuladores e sociopatas, que ao causar sofrimento nas vítimas, se divertem com a repercussão. Com a possibilidade de se esconder com o anonimato da internet, o agressor acredita que não haverá consequências para suas ações. A vítima por sua vez, na maioria dos casos sofre em silêncio, com medo ou vergonha de revelar que está sofrendo esse tipo de ataque, o que pode aumentar o prazer e o poder do agressor. As testemunhas têm um papel muito importante: a maioria se cala, pois temem serem as próximas vítimas. Por outro lado, para combater esse fenômeno, poderiam intimidar as ações desses agressores, construindo uma cadeia de proteção (FANTE; PEDRA, 2008).

Existe um terceiro agente que é essencial nesse tipo de agressão, o espectador. Ele nem sempre participa diretamente na agressão, mas ele é essencial para o conflito continuar, pois sem pessoas para olhar o feito do agressor, não há tanta “graça” para ele. O espectador é dividido em dois grupos: passivo e ativo. O passivo é aquele que não defende a vítima e nem se junta ao agressor; quando recebe algo comprometedor como uma mensagem ou foto, ele não repassa; esses indivíduos temem serem a próxima vítima, ou por não conseguirem ter uma iniciativa para fazer algo. Já o ativo tem uma atuação que se forma com um tipo de plateia ou torcida; ele instiga a agressão, faz piadas, dá risada, faz fofoca e etc. Ele retransmite a agressão, fazendo com que essa tome uma dimensão maior, passando a ser corresponsável por este crime (LOPES NETO, 2005).

Deste modo, família, escola e sociedade precisam trabalhar em conjunto para alertar, prevenir e abrir espaços para que possa existir debates para os adolescentes falarem como estão se sentindo. Além disso, uma boa relação e diálogos abertos podem “salvar” vítimas de *Cyberbullying*, como citado por Maldonado (2009), ao aclarar que existem muitos casos sofridos por adolescentes que sofrem calados, com medo, inseguros, por não enquadrarem-se por padrões impostos chamados de “normais”.

Nesse contexto, Shariff (2011) articula que a censura, como dito anteriormente, seja ela consciente pelos pais, ou inconsciente por meio das mídias no meio de comunicação, leva os adolescentes a reiterarem costumes e aspectos desrespeitosos ao encontrarem liberdade no Ciberespaço, por acreditar que nesse ambiente não existe uma precisão de se sujeitar às normas dos adultos. (SHARIFF, 2011, p. 273).

Shariff (2011) ainda aclara que na *web* a censura é muito mais complexa, e com isso necessita existir a importância de informar os jovens modos conscientes de uso da ferramenta, para que, mesmo compreendendo a existência de conteúdos impróprios, eles saibam fazer seus próprios julgamentos quanto a usá-los ou não.

Na parte jurídica, com a propagação do tema e conscientização na comunidade escolar, as vítimas e seus familiares vêm tomando medidas legais (LOPES NETO, 2008). Porém ainda estão desenvolvendo leis e normas quando o assunto é Ciberespaço. Calhau (2009), delimita que o *Bullying* e o *Cyberbullying* se contrapõem aos direitos previstos no artigo 5.º da Constituição Federal de 1988, além do Código do Consumidor, Código Penal, Código Civil, entre outras leis, que definem punições não específicas para o *Bullying*, porém que podem ser aplicadas diretamente a esse procedimento. O autor lembra também a relevância em se destacar que nos últimos cinco anos o debate rompeu com as barreiras iniciais na jurisprudência do país (CALHAU, 2009).

4.4 ESCOLA

A escola realiza uma função essencial no desenvolvimento da sociedade, a julgar por ser o local onde os princípios básicos são apreendidos, assim como os sociais, éticos e morais, imprescindíveis para o bem-estar e convívio de uma organização. Outrossim, logo se entende a escola como indispensável para o processo de ensino e aprendizagem do indivíduo (ANACLETO, 2015).

Segundo Gomes (2000), a função social da escola é fazer com que o aluno desenvolva o processo de socialização e, nessa perspectiva, os dois objetivos principais nesse processo são: inserir o aluno no mercado de trabalho, formando cidadãos para intervenção na vida pública, assim como direcionar o conhecimento necessário ao aluno para que, por si só, construa um aprendizado para a vida. A função da escola idealizada como instituição especialmente projetada para desenvolver o processo de socialização das futuras gerações,

inicialmente aparece simplesmente como conservadora, garantindo a reprodução cultural e social como condição para a sobrevivência dessa mesma sociedade.

É através do currículo, do sistema pedagógico, dos próprios conteúdos que a escola gradualmente passa suas ideias, conhecimentos, valores e as formas de conduta que a sociedade estabelece. Complementando, a sociedade concebe a escola como uma das instituições sociais com a responsabilidade de educar as novas gerações, onde se encontra em meio a conflitos e contradições de ideias, atitudes e valores conservadores e de mudanças. Cabe ressaltar que esses conflitos estão sugestionados na própria prática de manutenção da nossa sociedade (MENDONÇA, 2012).

Mendonça (2012), relata ainda, que é comum as pessoas e até mesmo os professores alegarem que a escola não está tão bem preparada para atender o que as demandas sociais exigem frente a evolução das tecnologias. Apesar dessa afirmação ser real, pode-se dizer que houve mudanças no sentido de transformar as funções e o seu papel, tendo em vista que é um local privilegiado onde a educação precisa assumir sua função, garantindo o desenvolvimento de conhecimentos, de ideias e de atitudes que proporcionem ao aluno “[...] sua incorporação eficaz no mundo civil, no âmbito da liberdade de consumo, da liberdade de escolha e participação política, da liberdade e responsabilidade na esfera da vida familiar e pública” (GOMES, 2000, p. 15).

Nesse sentido, Toro (2002), articulou os “códigos da modernidade”, para a escola desenvolver o procedimento educacional dos alunos, que somam ao todo, sete competências. São elas:

- 1) domínio da leitura e da escrita; 2) capacidade de fazer cálculos e resolver problemas; 3) capacidade de analisar, sintetizar e interpretar dados, fatos e situações; 4) capacidade de compreender e atuar em seu entorno social; 5) receber criticamente os meios de comunicação; 6) capacidade de localizar, acessar e usar melhor a informação acumulada; 7) capacidade de planejar, trabalhar e decidir em grupo. (TORO, 2002, p. 25).

Sem a intenção de supervalorizar as funções da escola, traz-se que sua ação educativa precisa estar direcionada a promover a consciência da realidade humana (TORO, 2002). Consequentemente, entende-se que a educação é definida como uma forma de interpretar, de compreender e transformar o mundo.

Segundo Candau (1995), espera-se que a escola seja um local onde formam adolescentes para que sejam criadores eficientes da sociedade em que vivem, desempenhando

seus papéis como cidadãos. Contudo, a ocorrência da violência vem alterando a função da escola atada a esta realidade, intervindo na dinâmica do método de aprendizagem dos alunos.

Conforme Sposito (1998), a violência nas escolas expõe questões epidêmicas de natureza mais ampliadas, insuficientemente relacionadas, que requisita uma investigação mais aprofundada e elaborada. Dessa forma, pode-se perceber a importância de trabalhar a temática Educação/Violência e o papel da escola frente a esta realidade, visto que se torna fundamental refletir e discutir estes fatores comoventes com o intuito de promover sensibilização aos jovens, ressaltando os direitos humanos contrariados em virtude da violência nas escolas, o que torna mais necessária a participação efetiva da sociedade em um todo.

Pode-se compreender a escola como um espaço importante no desenvolvimento psicossocial, apesar de que, muitas vezes, vira palco de muitos confrontos, que não são exclusivos no Brasil, mas também no mundo todo. Diariamente são apresentadas reportagens através dos meios de comunicação a respeito da violência no meio escolar, o que resulta em uma significativa agressividade entre adolescentes. A violência pode ser entendida como reflexo da cultura individualista e altamente competitiva que descreve o atual cenário. Para uma análise autêntica dessa situação escolar e de conceitos vitais como a saúde/doença nesta circunstância, não se deve descartar a forte e importante influência do contexto na prevenção ou promoção destes casos (WENDT; CAMPOS; LISBOA, 2010).

Com base nisso, a agressividade entre os adolescentes no ambiente escolar se formou como problema central de debate e movimentação da mídia, de autoridades responsáveis e de pesquisadores, especialmente nos últimos anos. Um tipo de violência ganhou muito destaque entre adolescentes nos últimos anos, denominado *Bullying*; terminologia que vem sendo discutida intensamente, porém, por vezes, lamentavelmente de maneira ainda equivocada (BERGER; LISBOA, 2009).

O termo *Bullying* se refere a um conjunto de atos violentos, praticados contra um determinado indivíduo ou grupo. Esses atos ocorrem em vários contextos, em ambientes de condomínios residenciais, trabalho, presídios e outros locais que sejam repletos de relações interpessoais. Entretanto, os casos de *Bullying* nas escolas são os mais pesquisados e enfatizados (GOMES, 2010).

Pode-se compreender o *Bullying* como uma subcategoria de uma conduta agressiva, na qual é definida como uma conduta intencional, com o objetivo principal de causar danos ou infligir desconforto a alguém. Para caracterizar e diferenciar esse fenômeno de outros tipos de

comportamentos agressivos é preciso que haja um desequilíbrio relacionado ao poder entre os envolvidos, desequilíbrio este que se estabelece por diferenças de idade, força física, estatura, desenvolvimento emocional e apoio dos colegas. Devido a estes fatores, a vítima, na maioria das vezes, não consegue reagir ou defender-se das agressões que sofre de modo assertivo (OLIVEIRA, 2013).

Em diferentes países já existia uma variedade de definições utilizadas originalmente para referir-se às ações que poderiam ser facilmente enquadradas no conceito de *Bullying*. Segundo Antunes (2008), a palavra que conceitua o *Bullying* é de origem inglesa e não há tradução direta para o português. Porém, o significado relaciona-se a “agir com crueldade” e “intimidar”.

Já o *Cyberbullying*, considerado pelos pesquisadores como mais problemático do que o *Bullying*, é um novo tipo de violência praticado principalmente por adolescentes em fase escolar. A perseguição e agressão psicológica incessante e a alta exposição gerada através da internet possibilitam consequências trágicas para as vítimas. Depressão, stress, tensão, insegurança, desconfiança e autoestima baixa são os principais sintomas frequentes apresentados pelas vítimas (ANDERSON; STURM, 2007).

Um dos casos que mobilizou o mundo foi o massacre que aconteceu no Rio de Janeiro, na escola Realengo em 2011, que também tem em comum com o caso que ocorreu nos Estados Unidos, na *Columbine High School* em 1999, e não apenas pelo seu aspecto trágico. Ambos os casos levaram a óbito 12 adolescentes; e nas duas situações, os que cometeram tais atrocidades estudaram nas respectivas escolas. A tragédia de 1999 foi descrita por muitos na época como “Columbine: o massacre que apresentou o bullying ao mundo”. Sendo assim, esses dois massacres mobilizaram mais ainda o debate sobre (WENDT; CAMPOS; LISBOA, 2010).

Um outro caso que gerou grande repercussão foi o de Ryan Patrick Halligan. Ele morava na cidade de Vermont, nos Estados Unidos. Foi vítima tanto de *Cyberbullying* como de *Bullying* por parte dos alunos da escola. Ryan teve dificuldades de aprendizagem na escola na sétima série, e logo mais seus pais entraram em contato para tentar conter isso. Porém, agravando ainda mais a situação, um aluno que maltratava Ryan se tornou seu “amigo”, mas somente para saber mais informações dele e alastrar rumores de que ele era homossexual (MACEDO, 2007).

Nas férias, Ryan acabou começando a usar serviços de mensagens instantâneas, e com isso os colegas começaram a atacá-lo e perguntar sobre sua sexualidade. Não bastasse, apareceu uma menina que Ryan gostava e que até se declarou para ela nas redes sociais, infelizmente, haja vista quando se encontraram pessoalmente, a menina o chamou de perdedor e ele falou que “[...] são garotas como você que me fazem sentir vontade de me matar”. Ryan, que tinha apenas 13 anos, se matou em outubro de 2003 (MACEDO, 2007).

Corroborando com a gravidade da questão que se confirma com estudos recentes da violência nas escolas, a Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, apoiada pelo MEC em 2015, mostrou que 69,7% dos alunos declararam ter testemunhado algum tipo de violência dentro da escola. Por consequência, a preocupação constante com esse fenômeno fez com que o *Bullying* fosse incluso também na Pesquisa Nacional da Saúde Escola (PENSE), em 2015. Já neste estudo, 7,4% dos alunos relataram que já foram ofendidos ou humilhados. E os que declararam ter praticado alguma situação de intimidade, ofensa ou deboche contra seus colegas, chega a 19,8%.

Portanto, esses fenômenos evidenciam para as famílias e para as escolas a necessidade de desenvolver novas competências, certo como apontam a urgência de políticas públicas e intervenção e regulação (PALFREY; GASSER, 2011; WALKER, 2010). Shariff (2011) aclara que, a família, a escola e a sociedade são as fundamentais influências conexas a esses fenômenos e, ainda que pareça nítido aos profissionais que se envolvem com a educação da geração atual, de que casos como o *Cyberbullying* e *Bullying* vêm crescendo diariamente, é conciso implantar de um modo mais intenso esse tema dentro das instituições escolares, haja vista seja nela que essas condutas transgressoras e agressivas se agravam ou se evidenciam na maioria das vezes.

De tal modo, a direção da escola necessita conscientizar os pais, os órgãos de proteção à criança e ao adolescente, os Conselhos Tutelares, etc. (BELÃO; LEÃO JUNIOR; CARVALHO, 2012). Para Sahin (2012) e Shariff (2011), necessita-se procurar modos distintos de penalidade para lidar com os agressores, já que restringir os alunos atrapalha a oportunidade destes de aprenderem novas condutas positivas. Da mesma forma que a remoção de educandos da escola, maiormente se o grupo de apoio é fundamentado na escola, podendo cooperar para a sua percepção de aprofundamento e isolamento da depressão.

De acordo com Shariff (2011), recomenda-se em seus estudos, que a maior parte dos protestos sobre o tema vêm de pais que são acostumados em achar que determinados filmes, livros ou contextos como a violência, religião e sexualidade são impróprios para seus filhos. E

por mais que esses contextos não estejam de modo direto relacionados ao *Cyberbullying* e o *Bullying*, desponta o poder que alguns pais podem ter em afinidade à censura para com seus filhos e, por vezes, até mesmo dentro da instituição escolar.

Diferentes ações sociais são imprescindíveis para combater a ocorrência deste tipo de violência nos adolescentes. Faustino e Oliveira (2008) creem que a educação é essencial para impedir esses tipos de crimes, sendo a conversa a melhor alternativa, tanto no meio escolar quanto em casa. É importante o ser humano ser valorizado, cabendo o desenvolvimento dessa virtude, principalmente, à família e à escola, tendo por escopo elucidar ao que se refere o *Cyberbullying* e o *Bullying*, assim como o intuito de que os adolescentes percebam que não se trata de uma brincadeira, porém sim um grave delito.

A escola também pode incentivar a prática de palestras, debates nas salas de aula e outras práticas direcionadas por especialistas e professores. De acordo com as autoras supracitadas (FAUSTINO; OLIVEIRA, 2008), determinam a escola como possuidora da função importante no combate a esses fenômenos, constituindo normas claras e identificando vítimas e agressores com o desígnio de serem adotadas medidas cabíveis, bem como caráter proativo na solução de casos característicos.

5 DISCUSSÕES

O *Cyberbullying* é constante nas escolas e, embora o fenômeno seja conhecido e quase todos sabem o que é e que existe, é raramente aceito a sua existência entre os alunos e até mesmo entre os pais e professores. O *Cyberbullying* tende a ser visto como um fenômeno a esconder, pois aceitar a sua existência é um fator de coragem. As vítimas jazem na escuridão, ocultas do mundo.

Com o passar do tempo, as vítimas de *Cyberbullying* tanto podem se recuperar destes traumas sofridos ao longo do período escolar, como podem evoluí-los ainda mais, até ingressarem num ponto que não tem reversão, como é o caso do desespero que leva ao suicídio. A pessoa superar ou não esses traumas dependem de muitos fatores, ao ver que, na vida adulta, as vítimas também acabam mostrando consequências do período que sofreu a prática, como emoções negativas, seriedade, dificuldades de relacionamento e até mesmo uma excessiva agressividade.

Por vezes, o agressor acaba tornando-se agressor porque antes foi vítima de *Cyberbullying*. Neste caso, esta violência nasce da vontade do agressor: conquistar poder e força; ser popular; alastrar o próprio medo intimidando os colegas e mostrando que é superior.

A vítima de *Cyberbullying* tem a tendência de ser alguém aparentemente mais frágil do que o agressor, e cujas particularidades, tanto psicológicas como físicas, a diferenciam, de um certo modo, da massa do alunado, e a tornam com facilidade distinguível, prontamente propícia à prática deste fenômeno.

Ademais, é importante também que sejam extremamente cautelosas as denúncias quanto ao aspecto da definição, pois se a situação for muito holística, pode sugerir que qualquer violência, explanação preconceituosa, mesmo que sobrevenha sem intenção, e dirigida a quaisquer indivíduos, estaria dentro do fenômeno, tornando-o sobre-estimado; enquanto que uma concepção com menor abrangência pode sobre-estimar o também fenômeno. É relevante que se contextualize a cultura virtual e midiática de onde se está sendo cometida a pesquisa, e todos os outros aspectos que vimos que podem acabar influenciando nesse novo tipo de violência; para que possamos, portanto, encontrar novos modos de prevenção e combate.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta retomada literária fica visível que ainda há muito para ser compreendido sobre o *Cyberbullying*. Analisando em um contexto mais amplo, todos os dias são criadas novas tecnologias e dispositivos mais complexos são inseridos na vida dos adolescentes. Portanto, pode-se presumir que esse fenômeno só tende a crescer. Para tanto, devido às consequências psicológicas e físicas de diferentes tipos, tanto para quem é vítima como para quem é agressor, cabe refletir sobre um programa amplo de enfrentamento, que, como prioridade, abranja a conjunção comunitária como um todo.

Nas escolas, algumas prevenções a serem tomadas são importantes, como palestras com educandos e pais/responsáveis, elucidando aspectos pertinentes à violência do *Cyberbullying*, além da disposição de uma equipe multidisciplinar para que esses jovens possam contar com profissionais com competência, com intuito de tirarem suas dúvidas e denunciarem os que praticam este fato que é uma tendência mundial.

Circunstâncias envolvendo o *Cyberbullying* precisam estar presentes como temas transversais em salas de aula. Aspectos relacionados às diversidades, violências e à importância de respeitar o próximo devem ser explanados na sala, assim como também torna-se imprescindível alertar os alunos sobre a existência de medidas de proteção às vítimas e combate a estas violências, incitando a denunciarem estas práticas e procurarem auxílio, seja dos pais e/ou da comunidade escolar, com o desígnio de se defenderem dos agressores e impedirem que outros sejam vítimas porventura.

Este fenômeno é uma representação de um conflito nas relações, fundamentado sobretudo na intolerância às diferenças. Assim sendo, a solução inicial é agenciar uma educação que dê valor ao próximo, mostrando aos alunos que cada um possui particularidades que o torna único, sem que por isso seja inferior ou superior aos seus colegas, garantindo o respeito às diferenças. Pois acredita-se que a educação é basilar para inibir este tipo de violência, devendo ser contemplada em todas as disciplinas.

Destarte, investigou-se que os resultados despontam que hoje em dia, é corrente no mundo todo notícias que apresentam o *Cyberbullying* em adolescentes na fase escolar. Sendo assim, verificou-se ante aos resultados, que os agressores dificilmente são localizados, necessitando que não só a família e a comunidade devem agir em conjunto para enfrentar esse fenômeno, como também as escolas, trazendo mais à tona esse tema. Quanto às vítimas, estas

acabam tendo que lidar com o trauma por toda a vida, necessitando de um apoio, pois há consequências psicológicas e físicas. É de suma importância, portanto, refletir sobre um programa amplo de enfrentamento; a sociedade em um todo deve prevenir tornando esse fenômeno mais evidente no meio social, principalmente nas escolas, educando os adolescentes a usarem adequadamente as tecnologias.

REFERÊNCIAS

ANACLETO, V.; SOUZA, F. O. **Violência e educação: o papel da escola frente esta realidade**. CONGRESSO NACIONAL DA EDUCAÇÃO, 2015.

ARRUDA, G. A. D. **Atividade física, comportamento sedentário, indicadores relacionados à saúde e desempenho escolar em adolescentes: Um estudo prospectivo de três anos**, 2016.

BELÃO, J. C. F.; LEÃO, J., C. M.; CARVALHO, J. E. **Redes Sociais: do lazer online ao cyberbullying**. Anais do VI Encontro do Lazer do Paraná. Maringá. Paraná. 2012.

BELSEY, B. **What is cyberbullying?** - Web page – Bullying.org. Canada Incorporated. 2004. Disponível em: <http://www.cyberbullying.ca>. Acesso em: 05 de maio de 2018.

BOCK, A. M. B. **A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores**. *Psicol. Esc. Educ. (Impr.)* [online]. vol. 11, n. 1, p. 63-76, 2007.

BRASIL, P. **Bullying Escolar no Brasil: Relatório Final**. São Paulo: CEATS/FIA. 2010. Disponível em: <http://www.educared.org>. Acesso em: 10 de março de 2018.

CAMPOS, M. **O Cyberbullying**. Natureza e Ocorrência em Contexto Português. - Dissertação de Mestrado em Psicologia Social e das Organizações ISCTE/IUL Outubro, 2009. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt>. Acesso em: 25 abr. 2019.

CGI. TIC Kids Online Brasil. Web Page CETIC.br. **Comitê Gestor da Internet no Brasil**. 2012. Disponível em: <http://cetic.br>. Acesso em: 02 de março de 2018.

CHAVES, W. M. **Fenômeno Bullying e a Educação Física Escolar**. Encontro Fluminense de Educação Física Escolar. 10º. 2006, Rio de Janeiro. Anais do 10º Encontro Fluminense de Educação Física Escolar, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://cev.org.br>. Acesso em: 05 de maio de 2019.

CORDEIRO, R. **Jovem é encontrada morta após divulgação de foto íntima na internet**. 20 nov. 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com>. Acesso em: 16 de mai. De 2019.

CORTELLA, M. S.; DIMENSTEIN, G. **A Era da Curadoria: o que importa é saber o que importa!** (Educação e formação de pessoas em tempos velozes). Campinas, SP: Papyrus 7 Mares, 2015.

COUTINHO, G. L. **A era dos smartphones: um estudo exploratório sobre o uso dos smartphones no Brasil**. Monografia. (Graduação em Comunicação Social). Faculdade de Comunicação, Universidade Federal de Brasília, Distrito Federal, 2014. Disponível em: <http://bdm.unb.br>. Acesso em: 10 abr. 2018.

D'URSO, C. **Cyberbullying: Um desafio para o direito**. 2013. Disponível em: <http://www.oabsp.org.br>. Acesso em: 02 mai. 2018.

FANTE, C.; PEDRA, J. A. **Bullying Escolar: perguntas e respostas**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FAUSTINO, R.; OLIVEIRA, T. M. **O cyberbullying no Orkut: a agressão pela linguagem**, 2008. Disponível em: <http://www.iel.unicamp.br>. Acesso em: 20 abr. 2019.

FERREIRA, M. S.; CASTIEL, L. D.; CARDOSO, M. H. C. A. **Sedentarismo mata? Estudo dos comentários de leitores de um jornal brasileiro on-line**. *Saude soc.*[online]. vol. 26, n. 1, p. 15-28, 2017.

GARCEZ, A. M. **As representações sociais do Cyberbullying na mídia e na escola**. Rio de Janeiro – Departamento de Educação Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2014.

GOMES, P. A. I. **A aprendizagem escolar: da didática operatória à reconstrução da cultura na sala de aula**. In: SACRISTÁN, J. G.; GOMES, P. A. I. *Compreender e transformar o ensino*. 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

GOMES, V. R. R.; CANIATO, Â. Adolescentes na contemporaneidade: desdobramentos subjetivos do (des)investimento no virtual. **Contextos Clínic, São Leopoldo, v. 9, n. 1, p. 133-146, jun. 2016** . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org>. Acesso em: 29 mai. 2018.

GUEDES, T. M. **As redes sociais – facebook e twitter – e suas influências nos movimentos sociais**. Disponível em: <http://repositorio.unb.br>. Acesso em: 02 mai. 2018.

GUIMARÃES, A. S. **Novas Tecnologias de Informação e Comunicação e a Comunicação Organizacional: impactos e mudanças**. São Paulo: Comunicação e Estratégia -**Revista digital**, 2005.

INSTITUTO IPSOS. **Opiniões globais sobre cyberbullying**, 2018. Disponível em: <https://www.ipsos.com>. Acesso em: 02 abr. 2019.

KNOBEL, M. **Síndrome da adolescência normal**. In: ABERASTURY, A. & KNOBEL, M. Adolescência normal. 9ª ed. Porto Alegre, Artes Médicas, p. 24- 62, 1989.

LOPES NETO, A. A. Bullying – comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria: Sociedade Brasileira de Pediatria**, Porto Alegre, v. 81. n. 5, 2005.

LOPES NETO, A. A. Um antigo problema, uma nova visão. **Revista de Pediatria**, v. 9, n. 1, p. 5-7, jan./jun. 2008. Disponível em: <http://www.socep.org.br>. Acesso em: 20 abr. 2019.

MACEDO, E. **Cyber-bullying não conhece fronteiras [online]**. 15 de mai. 2007. Disponível em: <http://sol.sapo.pt>. Acesso em: 16 de mai. 2019.

MAIDEL, S. **Cyberbullying: Um Novo Risco Advindo Das Tecnologias Digitais**. Revista electrónica de investigación y docencia, v. 2, junho 2009, p. 113-119. Disponível em: <http://www.ujaen.es>. Acesso em: 25 abr. 2019.

MALDONADO, M. T. **A face oculta: uma história de bullying e cyberbullying**. São Paulo: Saraiva, 2009.

_____. M. T. **Bullying e Cyberbullying: O que fazemos com o que fazem conosco?** São Paulo, Moderna, 2011.

MENDONÇA, I. R. M. M. A função social da escola. In: SILVA, Maria de Fátima Minetto Caldeiras, et al. **Currículo Estruturado: implementação de Programas Pedagógicos**. Curitiba: IESDE Brasil. p. 07-12, 2012.

PAIVA, N. M. N.; COSTA, J. S. **A influência da tecnologia na infância: Desenvolvimento ou ameaça?** Portal dos psicólogos INSS 1646-6977. 2015.

PIGOZI, P. L.; MACHADO, A. L. **Bullying na adolescência: visão panorâmica no Brasil**. *Ciênc. saúde coletiva* [online]. v. 20, n. 11, p. 3509-3522, 2015.

PLAN ORG. Aprender sem medo. **Campanha global para acabar com a violência nas escolas**: resumo de relatório. 2008. Disponível em: <http://plan-international.org>. Acesso em: 15 mar. 2019.

SAHIN, M. The relationship between the cyberbullying/cybervictimization and loneliness among adolescents. **Children and Youth Services Review**. v. 34, n. 12, p. 834-837, 2012.

SCHREIBER, F. C. C.; ANTUNES, M. C. Cyberbullying: do virtual ao psicológico. *Bol. - Acad. Paul. Psicol.* São Paulo, v. 35, n. 88, p. 109-125, jan. 2015 .

SHARIFF, S. **Ciberbullying**. Questões e soluções para a escola, a sala de aula e a família. São Paulo: Artmed Editora, 2011.

SILVA, A. B. B. **Bullying**: mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro, Objetiva, 2010.

SILVA, V. A., CASTRO, M. P. O uso abusivo das novas mídias e tecnologias pela sociedade contemporânea. *Revista de Pós-Graduação Multidisciplinar*, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 231-238, jul./out. 2017.

TORO, B. Os novos pensadores da educação. *Revista Nova Escola*, São Paulo: Abril, ano 17, n. 154, p. 25, ago. 2002.

WENDT, G. W.; CAMPOS, D. M.; LISBOA, C. S. M. Agressão entre pares e vitimização no contexto escolar: bullying, cyberbullying e os desafios para a educação contemporânea. *Cad. psicopedag.*, São Paulo, v. 8, n. 14, p. 41-52, 2010.